

Herança musical



Gisele Santoro

Brasília era uma cidade recém-inaugurada quando Gisele e Claudio Santoro se conheceram. Convidado por Darcy Ribeiro para assumir a Coordenação de Assuntos Musicais da UnB, o maestro tinha se instalado na capital havia alguns meses e, de quebra, passou a responder pela área de música também na Fundação Cultural. O primeiro encontro com a futura companheira aconteceu a partir do convite para que a Fundação Brasileira de Balé se apresentasse no Teatro da Escola Parque. Bailarina da companhia carioca, Gisele acompanhou a direção do grupo em viagem que antecedeu as apresentações e foi então que os dois se enamoraram. Era o início de uma relação que se estenderia até a morte de Santoro, mais de 25 anos depois. Segunda mulher do maestro, atualmente Gisele é diretora do Balé de Brasília, secretária-executiva da Associação Cultural Claudio Santoro e a maior responsável pela preservação do acervo do marido. Para ela, que comemorou 60 anos na última semana, este é acima de tudo um ano de celebrações. Em entrevista ao caderno *Civilização*, ela fala das comemorações que marcarão os 80 anos de nascimento e 10 anos de morte de Santoro, relembra histórias vividas por ele, sua relação com Brasília e com a música, entre outros temas.

Quais são as principais homenagens a Claudio Santoro programadas para este ano?

• Puxando a brasa para a minha sardinha, uma das homenagens que nós estamos tentando fazer é dedicar o Seminário Internacional de Dança de Brasília (de 10 de julho a 1º de agosto) à memória do Claudio, convidando coreógrafos e companhias para apresentarem, em noite de gala, balés com música dele. A nossa intenção é que depois esses balés sejam mostrados em várias partes do mundo, disseminando mais o seu nome. Na noite de gala, também seria feita a entrega da Comenda do Mérito Cultural Claudio Santoro, composta de um diploma de honra e de uma grãvura da Sônia, filha do Claudio do primeiro casamento, que é artista plástica.

E que outras homenagens a senhora destacaria?

• Nós temos agora, no fim deste mês, o relançamento de um disco gravado há muitos anos pelo grande tenor brasileiro - também já falecido - Aldo Baldin, com a pianista Lilian Barreto. Esse disco tinha sido gravado em vinil, a Lilian conseguiu fazer uma remasterização e ele está sendo lançado agora em CD, dentro das comemorações do ano Santoro. Um grande trabalho da parte dela, que revive a memória de três grandes artistas brasileiros: Claudio Santoro, Aldo Baldin e Vinicius de Moraes. São 13 canções de amor de Vinicius e prelúdios para piano do Claudio. Além disso, a Funarte está lançando um CD com a ópera *Alma*, gravada no exterior, e a edição digitalizada, junto com partitura e material de orquestra, da 5ª *Sinfonia*. Já o maestro Silvio Barbato está planejando um festival com obras sinfônicas para a data de nascimento - dia 23 de novembro - e o diretor da Sala Cecília Meireles, no Rio, está programando vários concertos com obras dele, distribuídos durante o ano.

Passagem dos 80 anos de nascimento do maestro Claudio Santoro será marcada por uma série de homenagens, informa Gisele Santoro, viúva do maestro

nicas para a data de nascimento - dia 23 de novembro - e o diretor da Sala Cecília Meireles, no Rio, está programando vários concertos com obras dele, distribuídos durante o ano.

Silvio Barbato, aliás, foi contemplado com a Bolsa Vitae por um projeto relativo à obra do maestro...

• Ele conseguiu essa bolsa para recuperar, digitalizar as 14 sinfonias. E para mim o que vai ser uma das atividades mais importantes deste ano é a recuperação de um parte ínfima do acervo de Claudio Santoro pela Associação Cultural Claudio Santoro, cujo presidente é o senador Bernardo Cabral. Isso vai ser feito através de uma emenda orçamentária, apresentada pelo deputado Geraldo Magela e aprovada pela Câmara Legislativa, visando justamente a recuperação parcial de uma obra que é gigantesca. Portanto, não seria com R\$ 100 mil, que foi a dotação, nem em apenas um ano que a gente conseguiria fazer isso. Mas é o começo. Nós pretendemos recuperar os materiais de orquestra, digitalizar partituras, fazer edições, recuperar gravações...

A gente espera que com esse primeiro impulso, consigamos outros apoios.

Onde está a maior parte desse acervo?

• Está comigo. Guardado em casa.

Mas há muita coisa espalhada, não?

• Há, porque o Claudio tinha a triste mania de distribuir as coisas. Nós tivemos brigas homéricas por causa disso. Ele ficava tão empolgado quando alguém queria tocar ou ouvir a música dele, que esquecia muitas vezes que o original tem que ficar com a família. Um dia, quando nós começamos a sair juntos, ele chegou muito empolgado, crente que estava enchendo a minha batata, com a partitura original da 7ª *Sinfonia* para mim. Ai eu disse: "O que você está pensando?

Você tem filhos, tem uma obra que deve ser resguardada. Nós estamos namorando agora, Deus sabe o que vai acontecer". Ele ficou muito decepcionado porque achava que eu ia desmaiar. Claro que desmaiei, mas minha obrigação era tentar fazê-lo ver que isso tinha que ser guardado para o futuro.

Isso era uma coisa comum, então.

• Era. Por conta disso, por exemplo, eu tenho muito poucos exemplares da discografia dele. Depois que ele morreu, eu andei catando coisas por muitos lugares. O pessoal me odiava porque eu chegava nas casas e pegava o que ele tinha distribuído. A Janete Herzog também fez muito isso. A gente volta e meia faz esse tipo de coisa, tentando reconstruir... O sonho é ter uma sede construída...

Há esse projeto?

• O projeto, o sonho, existe. Daí a sair...

Seria tipo uma fundação?

• Nem seria tanto uma fundação. Seria uma espécie de Museu Santoro, de Espaço Santoro, qualquer coisa assim, em que pudesse ser guardado esse

acervo, mas em boas condições. O acervo dele inclui a correspondência de uma vida, muitas vezes com grandes intelectuais - de Mário de Andrade a grandes compositores do mundo inteiro -, e jornais, que podem ficar à disposição de estudiosos, de músicos, de interessados na obra dele e na história do Brasil nessa época. O sonho é que um dia isso seja estudado e acondicionado, resguardado para as gerações futuras.

Ele deixou muitas obras inéditas, não?

• Muitas. Volta e meia a gente descobre uma coisa aqui e ali.

O que foi mais surpreendente entre essas coisas encontradas?

• Surpreendente era, muitas vezes, quando eu abaixava aqueles pacotes nas mudanças, abríamos e ele

dizia: "ih! eu nem me lembrava que tinha escrito isso". Ele mesmo já tinha esquecido (risos). Onde sentava, o Claudio pegava um bloco de papel e começava a escrever. Uma vez, em um restaurante em Viena, ele pegou o menu e escreveu uma coisinha para piano, assim rapidinho, e o garçon recolheu. Daqui a pouco, no meio do jantar com os amigos, ele ouviu uma música e disse: "engraçado eu conheço essa música". Tinham dado para o pianista do restaurante e o pianista estava tocando a música dele. Ai ele fez uma dedicatória e deixou lá com o sujeito. Então, isso a gente não tem. Ele era muito danado para fazer esse tipo de coisa. Era o terror dos músicos de orquestra quando estava no juri em uma audição, porque na prova de leitura a primeira vista ele escrevia a música na hora. Não tinha como tapear.

Ele chegou a dizer que fazia música como quem faz sapato...

• Isso porque ele desmistificava muito aquela coisa... Ele dizia: "eu não sei o que é inspiração. Se eu tiver duas horas para compor, eu componho duas horas. Se eu tiver 16, vou escrever 16 horas de música". E era realmente assim. Ele encarava aquilo como um artesanato. Não considerava a atividade dele diferente ou superior, digamos, a de um sujeito que, como ele disse, faz sapatos.

O maestro adotou Brasília ainda nos primeiros anos da cidade, mas em 1966 a ditadura militar e as perseguições na UnB acabaram fazendo com que vocês se exilassem na Alemanha, onde permaneceram por mais de dez anos. Por que no retorno ao país, Brasília novamente?

• Paixão. Brasília ficou um assunto mal resolvido para a gente. Para todos os que investiram muito na criação da UnB. A universidade foi o sonho de uma geração - que era a geração do Claudio. Com o seu desmoronamento e a necessidade de deixar o país, ficou aquela coisa do filho que a gente não pôde desenvolver, e a gente tinha muita paixão pela cidade. Então, quando houve o convite para o Claudio voltar, ele disse: "Se eu voltar para o Brasil tem que ser para Brasília".

E nesse retorno, a convivência

na cidade foi tranquila?

• A convivência com o Claudio nunca foi muito tranquila, verdade seja dita. Obviamente já havia algumas pessoas implantadas na cidade que se ressentiram com a volta dele. O Claudio era um sujeito muito intransigente com suas idéias e com o profissionalismo das coisas. A gente tem que reconhecer que ele não era um sujeito fácil, mas a dificuldade dele era essa. Ele era perfeccionista, profissional e entendia que tudo tinha que ser assim.

A senhora acha que em algum momento o trabalho dele foi prejudicado por conta desses ressentimentos?

• Ah, sim. Muita coisa foi prejudicada por inveja... O chefe dele na época, que era o compositor Marlos Nobre, o perseguiu de todas as maneiras possíveis e imagináveis. Por exemplo, eles açambarcaram tudo da Fundação Cultural, então

se chegava um telex para o Claudio convidando para concertos, coisas de óperas e tudo, eles não entregavam. Ele só vinha a saber meses depois quando já tinha passado a data. Era assim, uma coisa pequena e mesquinha. Infelizmente, foi uma fase muito difícil da nossa vida, em que o Claudio sofreu muito. As últimas obras dele são intensamente amarguradas, revoltadas. Uma pessoa que nunca foi capaz de prejudicar ninguém, estava sendo perseguida assim injustamente.

Como a senhora vê o espaço para a música erudita no Brasil?

• Nenhum. Antigamente, o Governo fazia concursos de composição, fazia encomendas de obras. Por exemplo, a 7ª *Sinfonia* do Claudio, que é chamada *Sinfonia Brasília*, ganhou um concurso do Ministério da Educação feito em homenagem à cidade na época da sua fundação. Quer dizer, existiam mecanismos - poucos, mas existiam - de incentivo à composição, à criação

musical brasileira. Naquela época, os filmes usavam orquestras e tal, então eram necessários compositores que tivessem o domínio desse material - o Claudio tem mais de 15 prêmios para música de filmes. Mas, com o tempo, isso foi mudando e infelizmente hoje em dia a música erudita está muito desprotegida. Nem as orquestras oficiais tocam música brasileira.

Uma das cobranças feitas à Orquestra do Teatro Nacional Claudio Santoro é a execução de obras do seu fundador. A alegação ouvida nos últimos tempos em relação à ausência de composições do maestro no repertório é que o preço cobrado pela família, detentora dos direitos, é muito alto...

• Nunca me consultaram. Eu sempre disse que, como todo material de orquestra, como é praxe no mundo inteiro quando as obras não são de domínio público e muitas vezes até quando são (Mozart morreu há

"Ele encarava a música como um artesanato.

Não considerava a atividade dele diferente ou superior a de um sujeito que fazia sapatos. Desmistificava a música"

200 anos e há obras dele que você tem que alugar) - as composições do Claudio também deveriam ser alugadas e pagas. Agora, eu não fui consultada oficialmente. Não fui perguntada assim: "Gisele, quanto custaria? Você cede? Você empresta?". Como é que antes da maestrina (Elena Herrera) se tocava regularmente coisas do Claudio? Mudou alguma coisa? Por que ia mudar com relação a ela ou com relação à orquestra?

E fica muito caro executar uma obra do maestro?

• Não. Tudo depende. Há milhões de vezes que você libera sem ganhar nada. O preço normal de aluguel de material de orquestra é 600 dólares. Então, isso depende da ocasião, depende de quem vai fazer... A gente pode abrir mão dos direitos dependendo da oportunidade.

LUCIANA MARIZ

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA



Gisele e Claudio Santoro em foto de 1978